

Tornar-se freira: etnografia dos rituais de passagem da vida religiosa feminina no Brasil¹

Miriam Pillar Grossi

Este texto é parte de pesquisa sobre a vocação religiosa feminina no sul do Brasil realizada no final dos anos 1980 e sua publicação neste livro é fruto do diálogo no quadro do projeto CAPES-COFECUB, com Danielle Rives, em torno da instigante questão da construção de gênero em conventos e outros espaços de reclusão religiosa.

Trazemos aqui dados de pesquisa realizada nos anos 1980² com jovens camponesas do sul do Brasil que se sentiram interpeladas por um “chamado de Deus”, a ingressarem no convento e assim seguirem a vocação religiosa. Esta pesquisa seguiu a tradicional metodologia antropológica de observação participante e escuta das interlocutoras, que se deu durante várias estadias em um convento tradicional do sul do Brasil. Escutei freiras de diferentes gerações, em particular de idosas que tinham mais de 80 anos quando de nossa pesquisa (e que tinham ingressado no convento nos anos 1930/1940) e das jovens neófitas que tinham em torno de 20 anos e que estavam ingressando no convento no momento da pesquisa.

Fazemos aqui uma etnografia deste longo processo que passa pelo *Aspirantado*, *Postulantado* e *Noviciado*, três etapas anteriores ao *ritual*

1 Uma versão anterior deste texto foi publicada como capítulo 3 no livro de minha autoria, *Jeito de Freira: Uma Etnografia da vocação religiosa feminina no século XX*, publicado pela Editora Tribo da Ilha, 2020.

2 Pesquisa financiada pelo Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulher, da Fundação Carlos Chagas/Fundação Ford, em 1986/87.

[VOLTA AO SUMÁRIO]

de vestição – que marca a entrada na vida religiosa – e os cinco primeiros anos da vida das religiosas consagradas, denominado Juniorato. Trata-se de um período bastante longo, que pode durar até 10 anos e que tem como característica a possibilidade de se retirar facilmente da Congregação, uma vez que assumem o compromisso anualmente. Só após serem feitos os votos perpétuos, após os cinco anos do Juniorato, que elas serão consideradas formalmente e definitivamente membros da Congregação.

Entre 15 e 18 anos as candidatas são admitidas no “colégio” que é parte da preparação escolar para a entrada na vida religiosa. Os primeiros anos são dedicados ao “estudo”, o que, para elas, representa muito, uma vez que a maioria mal completou a escolarização primária em escolas rurais. Elas permanecerão nessa situação durante um período que varia entre três e cinco anos. Seguindo as categorias propostas por Vitor Turner (1974) para analisar os processos rituais, observamos que para tornar-se freira é necessário passar por um período liminar que marca a separação do ethos familiar de origem e a preparação para a integração na congregação religiosa.

Essa fase é considerada uma etapa de “experiência”, em que as candidatas à vida religiosa devem tomar contato com o cotidiano do convento e avaliar se estão interessadas ou não em seguir essa carreira, denominada por elas de “vocaçào”. Trata-se de um momento fundamental na construção simbólica da identidade da futura religiosa. Do ponto de vista das candidatas, elas já fazem parte da congregação; mas, do ponto de vista da instituição, elas estão em fase de “experiência”, razão pela qual não se investe economicamente na formação escolar das meninas.

Nesse período de passagem ou liminar, não se é mais o que se era, e ainda não se é membro integrante da Congregação. É um período que se reveste de humilhações, de privações, de provas e de sofrimentos e que serve para igualar todos os futuros membros do grupo. O que permite pertencer ao grupo – no caso, ser religiosa – é que todos os integrantes passaram pelas mesmas provas, mostrando que são dignos e capazes de pertencer à comunidade (entregar-se a Deus). Como em todo ritual de iniciação (VAN GENNEP, 1974), o futuro membro do grupo deve abandonar sua identidade

construída dentro da comunidade de origem, adotando o modelo seguido pelas outras pessoas do grupo.

Esse período comporta três etapas: aspirantado, postulante e noviciado. As duas primeiras são realizadas junto com a escolarização no colégio mantido pela Congregação; e o noviciado é feito ao longo de dois anos na sede geral da Congregação, período durante o qual elas deixam os estudos e se dedicam integralmente às atividades da comunidade.

1. Aspirantado

“É no aspirantado que se aprende o mais importante da vida de freira, todos os trabalhos que mais tarde a Madre vai nos chamar a fazer, seja de mestra de noviças, seja de faxineira”, explicaram-me algumas aspirantes nos seus primeiros meses de convento, demonstrando como elas já tinham aprendido a “situar-se na hierarquia”. Por um lado, essa explicação me pareceu mera justificativa ideológica para que elas pudessem suportar todo tipo de tarefas que lhes eram exigidas. Mas, com o passar do tempo, fui percebendo que de fato elas estavam aprendendo o “jeito de ser freira”, que é muito mais do que a mera execução de tarefas.

Esse “aprender a ser freira” demanda um enorme investimento afetivo por parte das meninas, que deixam pela primeira vez o lar paterno, único referencial para elas até então, ao qual só poderão retornar após esse período liminar (3 a 5 anos), quando já tiverem feito os primeiros votos e interiorizado todos os códigos da vida conventual. Antes do Concílio do Vaticano II, as que ingressavam na carreira religiosa só podiam voltar à casa dos pais depois das bodas de 25 anos.

A entrada no Aspirantado se faz no final de janeiro. As meninas são trazidas pelos pais, quando estes moram perto e têm condições materiais de acompanhar a filha; ou pelas irmãs da Congregação que atuam nos lugares de onde provêm as candidatas (estas tendo sido, na maioria das vezes, arregimentadas por essas mesmas freiras). Como normalmente elas não chegam todas no mesmo dia, as apresentações e as integrações à vida do convento

vão-se fazendo aos poucos pelas aspirantes que já estão há mais tempo no aspirantado e pelas postulantes, que só deixarão os conventos em direção ao noviciado no mês de fevereiro. Essas meninas têm o papel mediador muito importante entre as irmãs consagradas e as “novas”, pois, por estarem mais próximas hierarquicamente destas últimas, conseguem “treiná-las”, ao mesmo tempo em que legitimam o seu poder hierárquico frente a elas.

Ao impedir-se que elas voltem à família durante o período de férias escolares de verão, como o fazem aquelas que já se consagraram a Deus pelos primeiros votos, impede-se que as meninas coloquem em dúvida os preceitos e as normas da instituição que são pré-requisitos à vida religiosa. Assim, o período preparatório, que é concebido como “experiência” da vida religiosa, funciona como um treinamento, pela Congregação, do “jeito de freira” e não permite o confronto dessa experiência com outro tipo de realidade, pois a proibição de sair do convento antes de feitos os primeiros votos funciona no sentido de impedir “recaídas” e a possibilidade de as meninas serem questionadas por gente de fora da instituição a respeito de sua opção. As meninas incorporam o sentimento de terem “sido escolhidas por Deus”, da mesma forma que Charles Suaud (1978) analisou a inculcação da vocação entre os meninos nos seminários franceses:

Ao entrarem no seminário, as crianças se encontravam pela primeira vez separadas de forma radical e contínua do universo cotidiano da família e do universo social de suas comunidades de origem. Esse corte brutal oficializava de alguma maneira a sua vocação: de simples potencialidade, ela se tornava certeza ou, melhor ainda, uma nova natureza.

Ao ingressar em janeiro, elas assistem, logo ao entrar, ao principal ritual de consagração: o ritual da vestição. Assisti-lo é um momento forte deste período inicial da iniciação e permite que elas aprendam a desejar estar naquele lugar. Todo ritual é fonte de emoções e de concentração de sinais da vida religiosa: quanto mais elas assistem a eles, mais vão desejando ver-se naquele lugar.

1.1 PRÉ-REQUISITOS

O aspirantado é a primeira etapa da vida religiosa. É quando entram todas as novas candidatas. A idade mínima de entrada no aspirantado é de 15 anos, mas há algumas exceções de meninas que entraram com 14. Além da idade, um outro pré-requisito é a escolarização mínima de 4 anos primários – escolarização oferecida na grande maioria das escolas rurais de Santa Catarina, mas nem sempre seguida por todos os filhos de agricultores com bem demonstrou Nadir Zago (1986, 1989). Esse primeiro período, em que elas ainda estão “experimentando” a vida religiosa e se escolarizando, deve ser assegurado economicamente pela família da candidata, que paga regularmente uma quantia à responsável pelas noviças referente à alimentação e aos gastos escolares das meninas. Esse pagamento em dinheiro faz parte do “dote” necessário à entrada na Congregação e representa um investimento importante da família na definição da opção religiosa por parte da filha, como já analisei anteriormente.

Não consegui chegar a dados reais a respeito desse “dote”, pois nenhuma das aspirantes quis falar dele, umas controlando as outras quando eu tocava no assunto. Ouvia falar, em janeiro de 1987, na quantia de Cz\$ 1.000,00, o que equivalente a um pouco mais de um salário mínimo³ mas não sei se era a quantia total ou apenas uma parcela do dote. Parece haver, por parte das aspirantes, uma minimização da quantia do dote necessário para entrar no convento, como se falar de dinheiro desmerecesse a vocação delas. No entanto, passado o período de iniciação, as junioristas têm a exata dimensão do valor monetário investido por suas famílias ou por economias pessoais delas para a entrada no convento. Uma das junioristas que trabalham no hotel, vinda do Nordeste, me contou:

Eu não tinha como conseguir o dinheiro do dote, que era de 4.000 cruzeiros em 1980.⁴ Eu já trabalhava com as Irmãs lá na

3 Em 1986 o valor do salário mínimo era de Cz\$ 804,00.

4 Valor um pouco inferior ao salário mínimo em 1980 que era de Cr\$ 5.788,80.

minha cidade, mas minha família não podia me ajudar, era muito pobre mesmo. Agora eles emigraram para uma cidade maior no Norte, onde mora um irmão meu. Aí eu fui pra rua, esmolar com o povo para conseguir a quantia necessária. Não foi fácil (Irmã Regina, 23 anos).

Com a “crise” de vocações observada durante a década de 1970, parece que foi diminuída a quantia do dote tal como ele era exigido junto àquelas que ingressaram nas congregações nas décadas anteriores. A própria pauperização do campesinato, que praticamente extinguiu a possibilidade de o pai dotar os filhos quando estes atingem a independência, transformando grande parte do campesinato em trabalhadores rurais sem-terra, parece ter forçado as Congregações a aceitarem meninas sem “dote”. Duas aspirantes que se auto-identificaram como “bóias-frias”⁵ oriundas do Rio Grande do Sul me contaram terem sido “ajudadas” pelas freiras mas que isso não implicou a eliminação total do dote. Por menor que seja a quantia em dinheiro que a menina traga, essa ainda parece ser uma exigência fundamental para ingressar na Congregação. Essa exigência mostra que o dote é parte do circuito da dádiva que a ida ao convento significa para as famílias das futuras freiras. Aprendemos com Marcel Mauss (1974) que dar, receber e retribuir é o que produz o social e o dote tem este valor simbólico de dom nas relações entre famílias de origem e família religiosa.

Além do dote em dinheiro, era preciso confeccionar o “enxoval” necessário à entrada no Convento, que constava, em 1987, de 4 saias, 4 blusas, 1 calça jeans, 1 abrigo, roupa íntima, meias, lençóis, toalhas, sapatos, etc. É verdade que a maior parte das meninas já confeccionara parte de seu “enxoval” de casamento aos 15 anos: lençóis, toalhas e panos de prato bordados⁶. Muitas vezes elas trocam com suas próprias irmãs e primas ou até

5 Categoria de denominação de camponeses sem terra, que trabalham na terra de outros proprietários.

6 Conferir o trabalho de Alice Inês Oliveira Silva (1990) sobre os panos de prato como fundamentais na construção da identidade das mulheres mineiras.

em lojas de suas cidades essas peças de roupa de cama de casal por peças de solteiro e por outros itens necessários à entrada no convento, como me relatou Irmã Olga:

Minha família era muito pobre, e minha mãe nem meus irmãos queriam me ajudar a entrar no convento. Então, eu fui trabalhar como doméstica na casa de uma senhora para fazer um pouco do ginásio, porque não tinha como pagar os estudos do aspirantado na Congregação. Depois que eu acabei de estudar, eu precisava ainda de todo o enxoval para poder entrar, aí eu fui às lojas de São Joaquim com os jogos de lençol de casal bordados que eu tinha feito na casa da minha mãe e consegui trocar pelo que precisava trazer pra cá.

1.2 TERRITÓRIOS

O aspirantado funciona como um internato, junto à escola de Ensino Fundamental e Médio aberta às crianças e jovens do município (e atualmente mantida pelo estado em convênio com a Congregação), separado do bloco principal do Convento onde vivem as Irmãs professoras. No térreo do refeitório, que também serve para os cursos de música (harmônico, violão e flauta), há uma cozinha, uma sala de trabalhos manuais e de datilografia. No primeiro andar, estão situados os dormitórios e os banheiros. Os alojamentos são coletivos, e as camas separadas por cortinas “para poderem trocar de roupa sem precisar ir ao banheiro”, o que garante certa individualidade, mas também um grande controle sobre as meninas.

Como analisarei no próximo segmento a respeito do cotidiano no convento, o espaço é um elemento determinante das tarefas que ali são realizadas, e cada lugar se configura como um território cuja circulação é permitida unicamente a algumas categorias de freiras. Assim, todas as irmãs professoras podem entrar no aspirantado (o que elas raramente fazem), mas o inverso é proibido (ou seja, a entrada no convento), pois as aspirantes têm um raio de circulação bastante limitado no espaço do convento. O único

momento em que elas penetram em espaços reservados às irmãs é quando elas precisam realizar alguma tarefa específica, segundo a divisão semanal de trabalho estabelecida pela mestra das aspirantes.

1.3 ATIVIDADES

No mural do refeitório, permanece afixado um quadro das atividades que devem ser realizadas, diariamente, a partir das 6h, quando toca a sineta para o despertar. Além desse quadro de atividades, há um quadro de aniversários e de equipes de trabalho. Essas atividades são minuciosamente detalhadas, e em alguns momentos do dia, como o despertar, não há nenhum tempo livre entre uma atividade e outra. Há apenas o período de uma hora diária intitulado “recreio”, no qual cada uma delas pode realizar a tarefa que desejar numa sala junto com as outras: bordado, leitura, etc. O dia assim delimitado impede qualquer pensamento ou atividade que não diga respeito unicamente à construção do projeto religioso. O mesmo constatou também Charles Suaud (1978) ao descrever a vida em um dia dentro de um pequeno seminário na França, observando uma sucessão de atividades profanas, intermediadas por tempos de reza ou atividades religiosas.

Ao misturar atividades profanas com religiosas, as jovens habitam o corpo e a mente a ver, em toda ação, uma oferta a Deus. Esse encadeamento de ações vai criando algo como um movimento instintivo, que impossibilita que elas desvinculem uma atividade religiosa de uma ação cotidiana. Veja-mos o exemplo dos microrrituais do “levantar-se”: acordar logo ao escutar a sineta, levantar imediatamente, rezar, vestir-se, escovar os dentes, ir à missa na capela, preparar o café, rezar em pé antes de sentar-se à mesa, sentar, comer em silêncio, levantar e lavar a sua louça, guardá-la no armário pessoal (a xícara em cima do prato, o talher enrolado no guardanapo ao lado), etc. Todas essas atividades (algumas não duram mais de 5 minutos) são cronometradas com rezas, sendo impossível desvinculá-las do seu caráter religioso. A primeira reza do dia, ainda na cama logo ao levantar-se, é uma oferta do dia e de suas tarefas a Deus, o que estimula a associação do

cotidiano à prática religiosa. O exemplo da padroeira do Postulado – Santa Teresinha de Jesus – estimula esse tipo de associação, tal como sua história é apreendida pelas aspirantes e postulantes:

Todo dia, no amanhecer, a gente estuda a vida de Santa Teresinha de Jesus, que é a padroeira do nosso postulante. Eu ainda não sei muito da vida dela, só que ela era de uma família rica e que largou tudo para entrar no Carmelo. Ela morreu de tuberculose com 24 anos, mas virou santa porque tudo que fazia no Carmelo oferecia para Deus. Juntava um alfinete no chão e dizia: “para as missões de Jesus Cristo” (Depoimento de Pilar, aspirante, 15 anos).

1.4 JEITO DE FREIRA

“Casa de freira é assim: a gente arruma tudo deste jeito”, explicava-me uma das irmãs mais jovens diante de meu espanto no depósito de toalhas e lençóis, frase à qual se seguiu uma longa explicação prática de como se dobrava daquele jeito singular toda a roupa de cama do convento.

Além dessa transformação de todo ato em oferta a Deus e da inculcação do sentimento de excepcionalidade da sua escolha – que parece às meninas a confirmação do “chamado de Deus” –, o aprendizado do “jeito de freira” se dá na repetição de uma série de tarefas cotidianas que são feitas segundo um método determinado: as toalhas e os lençóis devem ser dobrados segundo um complicado jogo de dobras; a louça deve ser guardada de um modo específico no armário; a cama é feita de um determinado jeito; a roupa é estendida no varal também seguindo algumas dobras; a comida é feita segundo um método determinado; elas aprendem a escrever caprichadamente e com um tipo de letra muito preciso – e, assim por diante, vão-se configurando técnicas precisas para cada tarefa cotidiana. Em vez de racionalizar o trabalho, esses métodos servem mais para controlar o que se passa pela mente das meninas. Além disso, não há de fato grande “racionalização” do trabalho, no sentido taylorista do termo, pois grande

parte das tarefas que elas realizam é na verdade executada de forma mais trabalhosa do que segundo técnicas tradicionais na região para a execução do trabalho doméstico. “Uma freira não pode ser preguiçosa”, “a preguiça é um pecado” – eram frases que ouvia seguidamente nas primeiras semanas do aspirantado, sobretudo quando as aspirantes deviam executar tarefas árduas e inúteis, como limpar os paralelepípedos do pátio, tirar pedras do jardim ou reformar completamente um canteiro porque a Mestra queria mudar o gramado.

Além de tudo, aprende-se, no convento estudado, muito mais que “um jeito de freira”: um ethos germânico de ordenar o mundo – assim como, em outras congregações de origem europeia, impera um ethos italiano ou francês, esses bem menos vinculados a uma ordenação do mundo sagrado pela limpeza. Assim, ao mesmo tempo em que as camponesas são introduzidas na modernidade e na manipulação de máquinas desconhecidas nos seus ethos de origem, como máquina de lavar roupa, aspirador, máquina de tirar leite das vacas, eletrodomésticos como liquidificador e batedeira, elas também são introduzidas num mundo onde a limpeza é o centro de todos os valores – limpeza que implica encerrar semanalmente todos os parquês dos imensos corredores, limpar regularmente todas as vidraças e vitrais do convento, retirar gramíneas entre os paralelepípedos da entrada do convento, etc. O “delírio de limpeza” imperante na maior parte das congregações tradicionais, era interpretado por irmãs progressistas que viveram durante grande parte de suas vidas nesse tipo de Congregação e na época da pesquisa haviam optado pela vida em comunidades periféricas e pobres da cidade, como uma forma de controle e superexploração de uma mão de obra barata que as congregações preferiam, até bem recentemente, manter desqualificada. De fato, para algumas das que entravam na Congregação, era apenas no aspirantado que as tarefas de limpeza eram realizadas alternadamente por todas as integrantes da comunidade. Na medida em que as Irmãs iam qualificando-se profissionalmente e assumindo tarefas mais elevadas na

escala social, elas deixavam de executá-las, muitas vezes empregando mão de obra não religiosa para esse fim (como é o caso das tarefas do hotel localizado no convento).

A forma de trabalho e de organização do convento visa distingui-las do resto das pessoas, caracterizando-as como tendo “jeito de freira”: limpeza, perfeição, capricho e arrumação. Este jeito as afasta do “jeito de casa familiar, que lhes reforça o sentimento de “grupo escolhido”. Esse aprendizado é de tal forma introjetado em todas que passaram pelos conventos que ele as marca e as distingue para o resto de suas vidas, mesmo entre aquelas que abandonaram a carreira religiosa.

A limpeza, se configura portanto como uma “distinção social” como analisa Pierre Bourdieu (1974) e também assume a simbologia de limpeza da alma, de purificação vinculada ao ethos religioso, tal como analisou Mary Douglas (1976).

1.5 A SALVAÇÃO

Ao mesmo tempo em que se aprende o “jeito de freira”, no aspirantado se estuda a “salvação” – assunto considerado fácil por aquelas provenientes de famílias religiosas em que se lia a Bíblia regularmente, como o caso da Irmã Brígida:

Eu fiquei só três meses no aspirantado e logo no postulado. Pra mim foi fácil passar, porque minha família era muito católica e lia a Bíblia todo dia. Mas, de todo jeito, o exame é uma decorêba, tem que responder igualzinho ao que nos ensinaram. Mas a gente já sabe as respostas, porque todo ano é a mesma coisa, e quem fica lá mais de um ano conta para as outras.

O exame de conhecimentos que é necessário fazer para passar de uma etapa à outra parece ser muito mais uma barreira simbólica do que um verdadeiro exame de seleção. A própria forma como as aspirantes o fazem, “colando”, mostra que elas o encaram como qualquer exame escolar, não acreditando que, por ser um exame para a carreira religiosa, seja necessário

um complemento especial; nem que Cristo – lá de cima – controle a seriedade de suas “futuras esposas”. Da mesma forma, observei que, em vários outros momentos rituais dessa ordem religiosa, as jovens se comportavam com uma aparente falta de seriedade frente ao momento sagrado. De fato, parece que há um jogo entre o profano e o sagrado: a “cola” (que equivaleria à falta de seriedade, mentira, etc.) se justifica como necessária e justa para fazer um exame “que se repete igual todo ano”.

1.6 O LÚDICO

Além das atividades relacionadas com trabalho, as meninas também têm atividades lúdicas e recreativas que são realizadas nas sextas-feiras à noite: jogos de bola, cantorias e outras brincadeiras.

Durante o carnaval, por exemplo, elas se fantasiam e dançam entre si. Para muitas, oriundas de zonas rurais muito pobres, é no convento que elas vão vivenciar as primeiras festas e bailes “entre irmãs”. O teatro, como atividade lúdica realizada pelas irmãs professoras nas festas de aniversário das irmãs idosas, vai espantar algumas meninas “que nunca tinham visto isso” e que me contavam em detalhes as fantasias, cantos e brincadeiras que vivenciaram pela primeira vez na vida ao entrarem no “colégio das irmãs”. Não se pode dizer que o convento seja “triste”, como o representam os leigos urbanos. Pelo contrário, pareceu-me que as aspirantes vivem em permanente alegria e felicidade.

Também, entre as atividades lúdicas, estão as aulas de música – flauta, harmônico ou violão –, nem sempre do agrado de todas as aspirantes, algumas das quais optam pelo aprendizado de datilografia durante as aulas de instrumentos musicais. Mas a música, além de seu caráter lúdico, encerra também em si um traço distintivo das religiosas que, ao dominarem o uso de alguns instrumentos musicais ou apenas pela própria voz, nos coros da Igreja, se aproximam de um modelo de “encontro com Deus” que as distingue do resto dos mortais.

1.7 APRENDENDO A SER FREIRA

Aprendi com as aspirantes de que é no aspirantado que se “aprende a ser freira”. Foi nesses primeiros meses que observei as maiores transformações nas meninas, tanto físicas quanto mentais e afetivas. Fisicamente, a mudança é brusca: a maioria delas é magra ao chegar; e, alguns meses depois, já são bem gordinhas. No espaço de um mês em que me ausentei do convento, cheguei a não reconhecer algumas delas, tamanha sua transformação física. É verdade que essas meninas, vindas da roça, habituadas a um trabalho pesado, se encontram de repente sedentárias nos bancos escolares beneficiando de cinco refeições reforçadas por dia. Além disso, elas não são estimuladas a cuidar do corpo, pois o importante é o “espiritual”. Também abandonando o corpo, elas abandonam mais facilmente os valores do “mundo de fora” e deixam de ser “corpos desejanter” para se tornarem unicamente “espíritos desejanter”. Junto com as transformações físicas, há toda uma transformação do vocabulário empregado e dos assuntos tratados. No início, elas falam muito de casa, da família, dos locais de origem, cantam músicas sertanejas e gauchescas que tocam nas rádios. Com o tempo, as músicas cantadas se transformam em músicas religiosas, os assuntos passam a ser coisas do convento, e se começa a escutar coisas do tipo: “quando se tem a graça de Deus, tudo é maravilhoso”.

2. Postulantado

A segunda etapa da vida religiosa é o Postulantado. Aparentemente, essa etapa não difere muito do aspirantado, pois as meninas permanecem vivendo no mesmo local, comendo no mesmo refeitório, apesar de dormirem num alojamento separado. Mas, a partir do momento em que elas ingressam no postulantado, elas se aproximam mais concretamente da vida religiosa, pois essa etapa dura apenas nove meses ou até menos, quando a candidata, além de possuir escolarização suficiente (Ensino Fundamental completo), demonstra possuir uma vocação “forte”. O postulantado começa no mês de

maio – ou mesmo alguns meses mais tarde, como foi o caso em 1987, porque a Madre Geral, cuja presença é indispensável ao rito de instituição do início do postulante, estava na Europa resolvendo problemas da Congregação – e acaba no início de fevereiro, no dia seguinte ao ritual de vestição, quando as postulantes entram no Noviciado, tomado o lugar daquelas que se tornaram professoras.

Para algumas, o aspirantado durou poucas semanas, como o caso das irmãs com maior instrução, que entraram quase que diretamente no postulante. Algumas nem passam pelo aspirantado, como o caso de uma irmã que ao entrar na década de 1940, já tinha concluído o curso Normal no colégio mantido pela Congregação em Florianópolis:

Eu cheguei, e a Superiora da Congregação me disse que eu fosse passar a tarde na casa de minha amiga que morava na Agrônômica e que eu voltasse no dia seguinte para entrar. Foi assim... E, quando cheguei, as minhas professoras me seguraram e me disseram: “agora ela é nossa, agora ela é nossa”. Eu fiquei espantada me perguntado o que significava “agora ela é nossa”. Fizemos um retiro, éramos seis moças, uma só falava alemão. Era dia 29 de junho. No dia 2 de julho, terminou o retiro, e já entrei. Éramos postulantes, ficamos postulantes até o dia 5 de janeiro, quando começou o noviciado... (Irmã Rosália, 80 anos).

Para ser Postulante, era necessário ter no mínimo 17 anos e estar acabando o 1º grau, pois, pelo direito canônico, só é possível entrar no noviciado aos 18 anos (pelo antigo era aos 16). E, uma vez tendo entrado no postulante, a família de origem não precisa mais manter economicamente a menina, pois ela passa a fazer parte da Congregação, a qual a assume economicamente.

No postulante, intensificam-se os estudos religiosos e se começa a estudar também as regras da Congregação. Pressupõe-se que as que entram já puderam discernir se têm vocação ou não – dito em outros termos, se elas se adaptam ou não às normas do convento e se aprenderam o “jeito de freira”.

3. Noviciado

Logo após o ritual da vestição, as postulantes deixam o colégio para se tornarem noviças. Primeiro elas passam uma semana trancadas na casa de retiros, localizada numa bela praia do litoral catarinense, e só depois é que se dirigem ao noviciado, na casa principal da Congregação, nas imediações de Florianópolis.

A saída é emocionante e me lembrou os meus tempos no movimento das bandeirantes⁷, pela emoção das despedidas nos grandes acampamentos, pelas músicas cantadas. Ao entrarem no ônibus, em meio às lágrimas de despedida, a mestra das noviças fez com que elas rezassem um Pai Nosso, momento a partir do qual as meninas ficaram sérias e compenetradas, assumindo o novo papel que lhes cabia na Congregação.

O noviciado é feito em dois anos. No primeiro ano, elas ficam trancafiadas, não podendo estudar outra coisa senão religião. Algumas se lembram do tédio desse primeiro ano:

Lembro-me daqueles dias de calor em que a gente tinha que ficar encerrada, rezando e rezando, o tempo não passava nunca.. Eu não acreditava que um dia a gente fosse sair dali. E o que mais a gente queria era ser ativa, estar nas obras da Congregação, trabalhando e ajudando o próximo. Não guardei nenhuma lembrança boa daquele momento como guardei de outros... (Bárbara, 45 anos, irmã que deixou o convento após 10 anos de votos).

7 “Bandeirantes” era a designação para jovens adolescentes que participavam do movimento escoteiro para mulheres na década de 1970, na continuidade da categoria mais jovem, chamada “fadinha”. Tratava-se de um movimento jovem muito forte durante minha adolescência em Porto Alegre, tradicionalmente vinculado à Igreja Católica, e que, naquele período de ditadura militar no Brasil, se aproximava da corrente da Teologia da Libertação. Em 2020 é inevitável pensar no peso “colonial” que tem a categoria “bandeirante” para se referir às mulheres no movimento escoteiro brasileiro.

O noviciado é um ano de síntese e reflexão, um período excepcional durante o qual todas as forças estão dirigidas para questões espirituais. Autores como Anne Marie Le Leannec (1967) observaram que a maior parte dos distúrbios mentais entre freiras se manifesta nesse período em que há uma grande busca de introspecção, o que favorece a manifestação de problemas psíquicos. Não pude observar o que acontecia com as meninas que entraram no noviciado, pois elas não estavam mais no convento, e só as vi uma vez, por acaso, no centro de Florianópolis, como relatei no meu diário:

Na frente da agência do Correio Central, eu vi um grupo insólito – moças vestidas comportadamente e bastante fora de moda. Num primeiro momento, não me dei conta de que eram as noviças que eu tinha conhecido quando aspirantes. Ali na Praça principal de Florianópolis, elas destoavam de tudo e de todos. Fiquei observando de longe, com medo de que elas me reconhecessem. Em pé, todas juntas, elas pareciam esperar alguém e olhavam fascinadas o movimento da rua. Apareceu a Mestra das noviças, e elas partiram em grupo. Pareciam contentes com o passeio. Mais adiante, a Mestra parou e deu instruções, e elas se separaram de duas a duas. Foram fazer compras nos camelôs perto do mercado público, que vendem um pouco de tudo a preços populares (diário de campo, 10/08/87).

Esse encontro inesperado só me trouxe indagações que não consegui resolver, pois não tive mais contato com as irmãs depois dessa data.

No segundo ano, cada uma delas vai para uma comunidade diferente, assumir um trabalho junto com as Irmãs e verificar se realmente “tem vocação”. Após esse segundo ano, elas se reencontram uma semana antes do ritual da vestição, quando fazem retiro e confirmam seu desejo de se tornarem freiras.

4. Vestimenta ou primeira profissão

“É a festa mais bonita da vida religiosa” – assim me respondiam todas as irmãs às minhas indagações sobre a festa da vestimenta, que eu ainda

não conhecia. Até o momento do ritual, eu não conseguia nenhuma outra explicação sobre o que se passaria naquele momento. Segundo as minhas interlocutoras, era impossível explicar o que acontecia no ritual, como se dele sobrassem apenas emoções e sentimentos de plenitude. Depois da cerimônia, ouvi alguns relatos de como era no passado e pude confrontá-los com o que vi em 1987, constatando que o ritual de vestimenta havia sido bastante simplificado em relação ao passado.

4.1 ANTIGAMENTE

Antigamente⁸, a noviça entrava na igreja toda vestida de branco, “como uma noiva”; e durante o ritual recebia o hábito negro e o véu branco que usaria por toda a vida a partir daquele momento, identificando-a ante a vida religiosa. Esse ritual era seguido rigidamente pela maior parte das Congregações do Brasil, como se lembram duas irmãs de diferentes Congregações:

No meu tempo, era muito mais bonito. A gente entrava na igreja toda de branco, com o véu tampando o rosto até o peito. Parecia noiva. Depois a gente ia à sacristia e trocava, punha o hábito todo preto, véu preto, só um pano branco na frente... (Irmã Cecília, 76 anos).

O dia mais bonito foi na nossa entrada... Do lado de fora, estava toda a família, os amigos. Eu chorava, era uma grande despedida. E, quando nós entramos lá dentro, estavam todas as irmãs reunidas entoando cânticos, tudo decorado com lírios brancos, elas nos abraçando e dando boas-vindas... (Irmã Rosália, 80 anos).

Ao mesmo tempo em que elas largavam os hábitos seculares, abandonavam também tudo que as vinculava à sua família de origem, como o

8 A categoria “antigamente” remetia, nas falas de minhas interlocutoras, às regras das congregações religiosas femininas antes do *aggiornamento* da Igreja Católica, instituído pelo Papa João XXIII nos anos 1960.

próprio nome, o que simbolizava o abandono total de sua identidade em prol da vida de freira, entregue a Cristo e à Congregação:

Quando a gente chegava à frente, tinha que abandonar tudo em nome de Deus, até o nome de batismo. Meu nome era B., até hoje eu assino nos documentos. Eu não gostava dele, por isso não troquei quando podia (Irmã Cristiana, 56 anos).

E, na hora que a gente tava na frente, o padre dizia o nome que a gente ia chamar. Quem escolhia eram as superiores, que diziam pra eles. O meu nome de antes era L.; eu gostava mais dele do que do que me deram, mas depois, quando dava para trocar, eu não quis mais, tantos anos com o mesmo nome... (Irmã Cecília, 76 anos).

Além da troca de nome, que era central na constituição da nova identidade, havia também o corte ritual dos cabelos, que significava o despojamento total de si mesmas, segundo exemplo de Santa Clara, introduzido pelas cisterianas e adaptado por todas as ordens. Quando fiz minha pesquisa de campo observei que as meninas já chegam com os cabelos curtos; e vi inclusive algumas freiras com o cabelo na altura dos ombros, o que mostra que não há mais a exigência de corte total dos cabelos.

Hoje, a vestição é simbólica, pois as freiras não vestem mais definitivamente o hábito. O único símbolo que as distingue dos leigos é o crucifixo com as insígnias da Congregação. Também se busca preservar suas identidades familiares e civis, permitindo-lhes que guardem seus nomes de batismo.

A vestimenta sempre foi uma festa familiar, para a qual todos os parentes eram convidados. Mas, diferentemente da cerimônia de vestição no passado, que representava a entrada na congregação e no claustro⁹ e

9 No filme *Thérèse* (dirigido por Alain Cavalier, 1986), que se passa no século XIX, a entrada da nova freira é feita individualmente: a menina vestida de noiva, com um véu cobrindo o rosto (como me contou a Irmã Iolanda), um buquê de flores nas mãos, o pai acompanhando-a até o altar, e toda a parentela reunida. “Que bom ver vocês aqui no dia mais

marcava o afastamento total em relação ao mundo exterior, a vestimenta hoje, nas congregações apostólicas, é o primeiro momento em que as jovens religiosas podem deixar o mundo fechado do convento e voltar ao mundo secular, revendo a família e a comunidade de origem. Hoje as famílias são convidadas para a cerimônia religiosa e para um grande almoço depois dela, além de terem toda a estadia paga no hotel do Convento durante o fim de semana da cerimônia. Trata-se de um A família se reúne para reconhecer oficialmente a escolha da filha, que vai modificar estruturalmente a posição simbólica da família frente à sua comunidade.

4.2 O RITUAL

O ritual da vestimenta é um ritual de instituição, tal como Bourdieu (1982) analisou os rituais de formatura nas “Grandes Escolas” francesas. Ele consiste de uma missa em que as noviças serão consagradas freiras, na presença de todos os responsáveis hierárquicos da Igreja – superiora e outras irmãs importantes na hierarquia da Congregação –, padres das localidades de onde provêm as noviças, bispo e auxiliares da Cúria, além de familiares e amigos das noviças. O ritual dura três horas e se constitui de diferentes etapas, as quais reconstituo etnograficamente aqui.

4.2.1 A ENTRADA NA IGREJA

As noviças entram na igreja em fila indiana, acompanhadas por pai e mãe (ou por padrinhos escolhidos por elas, caso os pais não possam vir), vestidas com saia azul-marinho e blusa branca, trazendo na cabeça uma grinalda de flores brancas, e nas mãos uma vela branca com uma inscrição prateada.

Atrás delas vêm os superiores hierárquicos: bispo, padres e superiores de congregação. As noviças sentam nos primeiros bancos do lado direito,

feliz da minha vida! Vocês, que vieram de tão longe...” – é a fala de Thérèse no dia de sua entrada no claustro. No filme *Agnes de Deus* (dirigido por Norman Jewison, 1985), também há uma cena semelhante da entrada de uma menina no claustro, numa cerimônia de vestição nos dias de hoje.

junto com os pais, o que marca a situação de excepcionalidade do ritual, pois o lado direito é reservado às irmãs mais velhas que já tenham proferido votos perpétuos.

O coro canta – como, aliás, em todos os momentos da missa. O coro tem uma participação fundamental na criação de momentos fortes e fracos do ritual. Mais do que um acompanhamento musical nos rituais da congregação, ele tem uma função similar ao coro das tragédias gregas, que explica e chora o trágico destino do herói, como aprendemos com os helenistas Jean-Pierre Vernant e Paul Vidal-Naquet (1973). Mas aqui, ao contrário, ele louva e se alegra, marcando e reforçando cada etapa. Junto com o coro, há uma comentarista que explica aos leigos o que está acontecendo, para que não haja nenhuma confusão na sequência rígida do ritual, como atestam as frases iniciais:

É festa para a congregação e para a Igreja, porque celebramos a coragem, o amor e a generosidade de oito noviças que dão seu “Sim” ao Senhor e se consagram a Ele, fazendo publicamente a sua Primeira Profissão Religiosa.

4.2.2 O CHAMADO

Na segunda etapa do ritual de vestimenta, reforça-se o significado da vocação como um chamado de Deus, confirmando-se o batismo. É o momento em que as noviças são apresentadas publicamente pela congregação, que dá seus dados biográficos, lugar de origem, nome do pai e da mãe, número de irmãos e seu lugar na fratria, e sua idade. Depois dessa apresentação e de ter sido feito o ato de penitência, cada uma delas diz: “Vós me chamastes. Aqui estou, Senhor!”.

4.2.3 A VESTIMENTA

É o ponto alto do ritual, momento no qual elas recebem a veste do uniforme da Congregação, que agora não dispõe mais do hábito como antigamente.

A “veste” se compõe de saia e casaco azul-marinho, blusa branca e sapatos pretos. A comentarista explica que a veste representa a “simplicidade da vida” e também é “símbolo da mulher consagrada, que, revestida da verdadeira simplicidade, vem ser, no mundo e na história dos homens, o maior ornamento, a rosa mística, a casa de ouro, o Palácio de Deus, em quem reside toda a plenitude da graça e todo o bem”.

Logo após, elas professam publicamente o desejo de se tornarem religiosas e de pertencerem a Congregações:

Em nome da Santíssima Trindade, na presença da Bem-Aventurada Virgem Maria, de São José e de São Francisco, eu, irmã [nome], me consagro a Deus por um ano pelos Votos de Obediência, Castidade e Pobreza, que professo nas mãos de irmã [nome], Superiora Provincial da Província [nome da província]. Entrego-me, pois, de todo o coração a esta família [...], viver o Evangelho, seguindo Jesus Cristo como Mestre. E, no estilo de vida de São Francisco de Assis, quero aprender e praticar a Misericórdia, tornando-me cada vez mais semelhante ao Pai, e difundir, assim, no universo o Deus da Misericórdia¹⁰.

Depois de professado o desejo de ser religiosa, elas recebem o crucifixo, “insígnia” da Congregação, e repetem: “*assumindo a cruz, assumimos nossa fragilidade, nossa pobreza. Somos cinza, somos pó...*”.

4.3 VESTIMENTA PARA AS PROGRESSISTAS

Enquanto a ênfase, nas congregações tradicionais, é nos rituais coletivos¹¹, nas congregações progressistas se valoriza o caminho individual. Para as progressistas, a candidata deve fazer os votos quando se sentir preparada.

10 Para preservar eticamente o grupo estudado, retirei desta citação de uma fala ritual todas as referências à Congregação estudada.

11 Nas congregações tradicionais, a necessidade do coletivo é muito forte, o que justifica que, no ano da pesquisa, não tenha havido nenhum “casamento com Cristo”, pois havia apenas uma ou duas junioristas com cinco anos de vida religiosa.

Nesse momento, a cerimônia se fará junto à comunidade na qual ela atua. É também uma cerimônia pública para a qual são convidados os pais, familiares, amigos e outros religiosos. Já os votos definitivos são feitos no âmbito privado, apenas junto com as outras irmãs da Congregação, durante suas Assembleias Gerais anuais.

5. Juniorato

Após esse primeiro ritual, a noviça torna-se irmã, mas não tem ainda todos os direitos no interior do grupo. Para isso, ela precisa passar por uma nova etapa, que dura cinco anos, denominada Juniorato. Durante esse período, elas podem voltar atrás e abandonar a carreira religiosa sem que seja necessário “pedir ao Papa”. Por isso, elas renovam anualmente os votos. Nesse período, as irmãs quase não assumem tarefas de responsabilidade na congregação; não podem afastar-se da província principal e ir para outras regiões do país. Nesse período, há a possibilidade de abandonar a vida religiosa no final de cada ano de votos, de mútuo acordo entre a Congregação e a irmã que deixa o convento. É claro que, como em todo o sistema capitalista, a relação entre congregação e freira pressupõe um contrato – que não é apenas verbal, uma vez que, a cada ano, a irmã assina no livro da Congregação seu compromisso por um ano de trabalho e de dedicação à comunidade. Assim, se a religiosa deseja abandonar o convento, ela deve fazê-lo no final do ano letivo e não assumir um novo compromisso no mês de janeiro que a obrigue a prestar seus serviços materiais e espirituais à Congregação por mais um ano, como explica uma juniorista:

Por isso é que a gente precisa pensar muito antes de renovar os votos, porque, uma vez renovados, não adianta querer sair. Precisa esperar até o final do ano. Mas quem renova é porque tem fé e não vai deixar a vocação pelo caminho (Irmã Edith, 24 anos).

Nesse período, elas também não se beneficiam de nenhum investimento por parte da congregação. Raras são as que conseguem cursar uma

faculdade nesse período. A faculdade, além de ser uma vantagem a uma irmã em particular, representa uma perda de trabalho para a Congregação. Por isso, parece que são encaminhadas para a Universidade só algumas consideradas “mais capazes” e em carreiras que beneficiem diretamente as obras da Congregação. Atualmente, por determinação da Igreja, o 2º grau é obrigatório para todas as irmãs¹².

Durante o juniorato, há, duas vezes por ano, o seminário de formação: uma semana durante a qual todas as junioristas se reúnem para fazer retiro com padres e freiras especializadas em questões religiosas. Estudam filosofia, teologia, patrística. “Este estudo não se faz em forma de aula, mas de reflexão”, explicam algumas junioristas.

Cada um desses cinco anos é dedicado a um assunto que elas estudam sob orientação de uma superiora. No final de cada ano, elas devem entregar um trabalho datilografado¹³ sobre o estudo feito durante os anos. Os assuntos tratados são os seguintes:

1º ano – vida de oração

2º ano – vida fraterna

3º ano – os votos

4º ano – relação com o mundo

5º ano – vida pastoral

Em fevereiro, na véspera do ritual de vestição, elas confirmam os votos numa cerimônia fechada durante a qual cada uma assina, no livro da Congregação, o seu comprometimento por mais um ano de vida religiosa. Nesse período ainda se observa um abandono da carreira religiosa bastante grande por parte das junioristas, três ou quatro por turma, o que significa no mínimo um terço das que entram.

12 Obrigatoriedade que, aliás, não agrada a muitas meninas oriundas no meio rural, onde a escola é vista como algo supérfluo e destinado a crianças que “têm cabeça” para o estudo. O desespero de ter de estudar até o final do Ensino Médio era visível para algumas aspirantes que, com 15 anos, estavam cursando o 5º ano do Ensino Fundamental..

13 Relembro que, nos anos 1980, quando fiz esta pesquisa, não se usava computador de forma corrente.

O comentário de uma funcionária que atua em um dos serviços mantidos pela Congregação ilustra uma ideia corrente entre os leigos da comunidade sobre a estratégia de algumas meninas em utilizar a Congregação unicamente para poderem estudar:

Eu tive que parar de estudar no ginásio porque minha mãe, viúva, não tinha condições de manter meu estudo aqui com as irmãs. Aí eu vim trabalhar aqui... Uma destas irmãs mais jovens me perguntou: “por que tu não entras no convento, estudas e depois te mandas?”. Imagina eu, tendo que viver vida de freira só pra acabar os estudos? Tudo controlado, tem que obedecer todo o tempo. Deus me livre! Elas [as candidatas] vêm pra cá, de tudo quanto é lugar, já pensando em aproveitar pra estudar. Elas ficam um monte de anos fazendo de conta que querem ser freiras e, quando conseguem o diploma de magistério, dizem que “descobrem que não têm vocação”. Tem um monte que faz isso (Úrsula, 25 anos, funcionária).

6. Votos perpétuos

No final dos cinco anos de Juniorato, são realizados os votos perpétuos, ritual que se dá junto com o ritual de vestição das novas egressas. Ests significam o *casamento com Cristo*, momento a partir do qual elas são consideradas Irmãs da Congregação, com todos os direitos que cabem às Irmãs professoras. Acaba-se o período liminar e de integração à comunidade religiosa, e começa a efetiva vida na comunidade religiosa, enquanto freira.

Concluindo

Analisamos nesta etnografia sobre o processo ritual de ingresso e incorporação de jovens mulheres na vida religiosa consagrada as etapas nomeadas Aspirantado, Postulantado e Noviciado, o ritual de vestição e o Juniorato. Vimos que é um longo processo de incorporação dos *habitus* de freira, que exige uma série de aprendizados para a vida consagrada em uma

congregação religiosa tradicional do sul do Brasil. Este processo, dura de 5 a 10 anos, entre o ingresso na primeira etapa de iniciação, o Aspirantado e a realização do ritual dos votos perpétuos, que se dá após os cinco anos do Juniorato. Só depois de cumpridas todas estas etapas é finalizado o extenso ritual de iniciação para que uma jovem freira possa ser aceita formalmente como membro da Congregação. Nossa etnografia mostrou diferentes perspectivas a respeito deste processo: de jovens que estavam passando por ele e de idosas que já estavam em sua última etapa de vida religiosa. Ambas mostravam-se entusiastas desta escolha de vida, desta carreira feminina chamada por elas de *vocação religiosa*.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Célibat et condition paysanne. In: *Études Rurales*, 5-6, 1962, p. 32-135).

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Ed. de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Les rites comme actes d'institution. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 43, juin 1982 (Rites et fétiches), p. 58-63.

BOURDIEU, Pierre. Sociologie de la croyance et croyance des sociologues. In: *Archives des Sciences Sociales des Religions*, 63/1, janvier/mars, 1987.

CEVASCO, Marie-Thérèse. Tereza d'Ávila: jouissance féminine, folle, divine. *Colloque CNRS*, [s.d.].

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.73, p. 45-58, 1990.

GROSSI, Miriam Pillar. Conventos e celibato feminino entre camponesas do Sul do Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 47-60, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. *Jeito de Freira: Uma Etnografia da vocação religiosa feminina no século XX*. Florianópolis, Editora Tribo da Ilha, 2020.

LEANNEC, Anne Marie Le. *A vocação religiosa feminina*. Petrópolis: Vozes, 1967.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*, v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].

NUNES, Maria José Rosado. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil: uma abordagem histórico-social. In: AZZI, R.; BEOZZO, J.O. (orgs.). *Os Religiosos no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

OLIVEIRA SILVA, Alice Inês. Abelhinhas numa diligente colmeia. Domesticidade e imaginário feminino na década de 50. In: OLIVEIRA COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. (orgs.). *Rebeldia e Submissão*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1990.

RASIA, Miguel; ZAGO, Nadir. *A representação da educação escolar da criança e do trabalho no meio rural*. Ijuí, MEC/INEP/FIDENE, 1984.

SUAUD, Charles. Contribution à une sociologie de la vocation: destin religieux et projet scolaire. *Revue Française de Sociologie*, n° 15, janvier/mars 1974. (disponível em https://www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1974_num_15_1_2236)

SUAUD, Charles. L'imposition de la vocation Sacerdotale. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, mai, 1975, n° 3.

SUAUD, Charles. *La Vocation: conversion, et reconversion des prêtres ruraux*. Paris: Ed de Minuit, 1978.

SOEIRO, Susan. O convento das Ursulinas na Bahia. In: *Revista Geográfica da Bahia*, s/r.

SOEIRO, Susan A. The social and economic role of the convent: women and nuns in Colonial Bahia, 1677-1800. In: *Hispanic American History Review* (HAHR), 1974, 209-32.

SOEIRO, Susan A. The Feminine Orders in Colonial Bahia, Brazil: economic, social, and demographic implications, 1677-1800. In: LAVRIN, Asunción (Ed.). *Latin American Women: Historical Perspectives*. Westport (Connecticut): Greenwood Press, 1978, p. 173-197.

TAGLIAVINI, João Virgílio. A reprodução social do clero: a origem sociocultural do clero e suas instâncias socializadoras, os seminários. In: ANPOCS, Campos do Jordão, 1986, mimeo.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VERNANT, Jean Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*. Paris: Maspero, 1973.

ZAGO, Nadir. Les rapports école-famille en milieu rural au Brésil, Mémoire de D.E.A , Université de Paris V, 1986.

ZAGO, Nadir. *Travail des enfants et scolarisation dans le milieu paysan: une étude auprès des familles d'exploitants agricoles dans l'Etat de Santa Catarina (Brésil)*. Thèse de doctorat en Sciences de l'éducation, Paris V, 1989.

ZIMMERMANN, Marie. Peut-on parler d'un droit associatif à propos de la religieuse? In: *Pénélope*, Paris MSH, n° 11, automne 1984.